

AS CRUZADAS

*Francisco Soriano de Souza Nunes **

SUMÁRIO

Trabalho descritivo sobre as Cruzadas medievais que por um lado, aprofundaram a hostilidade entre o Cristianismo e o Islã, e por outro, estimularam os contatos econômicos e culturais para benefício permanente da civilização européia.

Palavras Chave: Cruzadas. Cristianismo. Islamismo.

ABSTRACT

Descriptive work on the medieval Crusades which, on the one hand, deepened the hostility between Christianity and Islam, and on the other, stimulated economic and cultural contacts for the permanent benefit of European

civilization.

Key Words: Crusades. Christianity. Islam.

INTRODUÇÃO

Inúmeras foram as Cruzadas, principalmente se levarmos em consideração aquelas não militarizadas e que foram realizadas mais como peregrinação dos cristãos, buscando pregar o cristianismo, pagar uma promessa, fazer penitência, pedir alguma graça.

Todavia, conceituamos a cruzada como qualquer um dos movimentos militares de inspiração cristã que partiram da Europa Ocidental em direção à Terra Santa (Palestina) e à cidade de Jerusalém que se estenderam entre os séculos XI e XIII, para retomar aqueles territórios ocupados pelos turcos muçulmanos.

O termo Cruzada surgiu porque seus participantes se consideravam soldados de Cristo, distinguidos pela cruz aposta a suas roupas.

Tradicionalmente, são consideradas apenas nove Cruzadas Oficiais; contudo merece menção duas outras desastrosas que foram a Popular ou dos Mendigos, anterior à primeira, e a das Crianças, que ocorreu entre a Terceira e a Quarta Cruzada Oficial.

Dentre as nove Cruzadas Oficiais, enfocaremos de modo sintetizado as quatro primeiras que

* O autor é Segundo Vigilante da Loja Maçônica Novo Século, nº 3022, filiada ao Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro, do Grande Oriente do Brasil. É Cavaleiro Rosa Cruz e pertenceu à Loja Simbólica Regeneração Campinense, nº 2, filiada à Grande Loja Maçônica do Estado da Paraíba. Escreveu o livro “A Grande Partida: Anos de Chumbo”, já em segunda edição. É funcionário da Petrobrás, no Rio de Janeiro.

historicamente merecem maior destaque, porque as demais foram em geral empreendidas contra o Egito no século XIII.

AS CAUSAS

Em 27 de janeiro de 1095, no concílio de Clermont, no Sul da França, o papa Urbano II exortou os nobres franceses a libertar a Terra Santa: “(...) Quando um ataque for lançado sobre o inimigo, que um só grito seja dado: *DEUS O QUER!*” (Carvalho, 1959, p. 311-312).

Todavia, os verdadeiros interesses da Igreja Romana eram: refazer a unidade cristã, rompida com o Cisma do Oriente (1054); a oportunidade de os senhores feudais conquistarem terras e tesouros. Havia ainda razões econômicas das cidades mediterrâneas (Gênova, Veneza, Pisa, Amalfi) que desejavam expandir suas atividades mercantis e transportar os Cruzados e seus equipamentos.

A CRUZADA DOS MENDIGOS

A Cruzada dos Mendigos foi empreendida em 1096, por cerca de 50.000 fanáticos ou lunáticos das

classes populares, dirigidos por Pedro, o *Eremita*, que, sem mantimentos, organização ou armamentos puseram-se a caminho de Constantinopla. Por onde passavam, eliminavam os judeus e pilhavam os habitantes para se abastecerem. Massacrada pelos turcos seldjúcidas na Terra Santa, somente um reduzido grupo de integrantes conseguiu juntar-se à Cruzada dos Cavaleiros.

A PRIMEIRA CRUZADA (1096-1099)

A CRUZADA DOS NOBRES OU DOS CAVALEIROS

Ao pregar e prometer a salvação a todos os que morressem combatendo os muçulmanos em 1095, o papa Urbano II criava o Ciclo das Cruzadas.

Por volta de 1097, um exército de 30 mil homens, dentre eles muitos peregrinos, cruzou a Ásia Menor, partindo de Constantinopla. A Cruzada dos Cavaleiros, possuindo recursos, embora progredindo devagar, fizera um acordo com o imperador de Bizâncio de lhe devolver os territórios conquistados aos turcos. Esse acordo seria desrespeitado, à medida que o mal-entendido entre as duas partes cresceria.

Os bizantinos atuaram com um grupo de mercenários solidamente enquadrados ao qual se pagava o soldo e que obedecia às ordens. Os cruzados recusaram, depois de tantos sacrifícios, a entregar o que obtinham aos bizantinos, conforme acertado. Apesar das promessas quebradas entre os cruzados e os bizantinos que os ajudavam, a Cruzada prosseguiu.

Em 19 de junho de 1097, os cruzados cercaram e tomaram Niceia (atual İznik), devolvendo-a aos bizantinos, e logo tomaram o rumo de Antioquia. Em julho, foram atacados pelos turcos em Dorileia, mas conseguiram vencê-los e, após penosa marcha, conquistaram Edessa (Armênia), Trípoli e Antioquia (Síria) em 1098.

Godofredo de Bulhão, após longo cerco, conquistou Jerusalém, atacando uma pequena guarnição em 1099. A repressão foi violenta. Segundo o arcebispo Guilherme de Tiro, a cidade oferecia tal espetáculo, tal carnificina de inimigos, tal derramamento de sangue que os próprios vencedores ficaram impressionados de horror e descontentamento.

Os cristãos ficaram odiados após as duas conquistas ao massacrarem os residentes, indiferentemente da idade, fé ou sexo. Após a vitória, os Cruzados criaram o Reino de Jerusalém com os condados de Antióquia, Dorileia, Edessa e Jerusalém.

Uma vez conquistado o território ao inimigo, os cruzados, cujos desentendimentos com os bizantinos começaram ainda durante a campanha, não mais quiseram devolver as terras aos seus irmãos de fé cristã do Império Bizantino.

Os cavaleiros que permaneceram nesses Estados tornaram-se proprietários de feudos, utilizando os orientais como mão-de-obra servil, o que gerou revoltas.

Muitos dos Cruzados ingressaram em ordens religiosas então criadas. Faziam votos de pobreza, obediência, castidade e de consagrar as armas em defesa do Cristianismo. Foram batizados como: os Monges-Cavaleiros de Ordem dos Hospitalários, de mantos negros com a cruz branca, os Templários, de vestes brancas com a cruz vermelha, e os Cavaleiros Teutônicos, de túnicas brancas com a cruz negra.

A SEGUNDA CRUZADA (1147-1149)

Pregada por Eugénio III e São Bernardo essa nova Cruzada tinha o objetivo de recuperar o Condado de Edessa. Os reis Luís VII da França e Conrado III do Sacro Império, para nomear os mais importantes, foram os que logo se prontificaram. Entretanto, os contingentes flamengos e ingleses acabaram por conquistar Lisboa e voltar rapidamente para as suas terras na sua maioria, uma vez que eram concedidas indulgências para quem combatia na Península Ibérica.

Excetuando a conquista de Lisboa, a Segunda Cruzada foi um fracasso total. Azedaram-se as relações entre os reinos cruzados, os bizantinos e os governantes muçulmanos amigáveis.

A TERCEIRA CRUZADA – CRUZADA DOS REIS (1189-1192)

A Terceira Cruzada, pregada pelo Papa Gregório VIII após a tomada de Jerusalém pelo sultão Saladino em 1187, foi denominada Cruzada dos Reis. É assim denominada pela participação dos três principais soberanos europeus da época: Felipe Augusto (França), Frederico Barba Ruiva (Sacro Império Romano-Germânico) e Ricardo Coração de Leão (Inglaterra).

O imperador Frederico Barbaruiva partiu com um contingente alemão de Ratisbona que seguiu pelo Danúbio, atravessando com sucesso a Ásia Menor, porém afogou-se na Silícia ao atravessar o Sélef (atual rio Göksu). A sua morte representou o fim prático desse núcleo. Os reis de França e Inglaterra passaram o tempo todo divergindo até se retirarem.

Ricardo Coração de Leão conseguiu alguns atos notáveis. Seu maior erro político foi vender a ilha de Chipre aos Templários, que fez aprofundar o antagonismo entre os cristãos ocidentais e os bizantinos. Depois conquistou Acre, Jaffa e uma série de vitórias contra efectivos superiores, mas não teve nenhum pudor em massacrar prisioneiros, incluindo mulheres e crianças. Com Saladino, teve um adversário à altura, e não conseguiu nenhuma vitória.

Em 1192, negociaram um acordo: os cristãos mantinham o que tinham conquistado e obtinham o direito de peregrinação, desde que desarmados, a Jerusalém (que ficava em mãos muçulmanas).

Se esse objectivo principal falhara, essa cruzada obteve alguns resultados: Saladino foi paralizado e os reinos dos cruzados no oriente sobreviveram.

A JIHAD

Seria desonesto da nossa parte não reconhecer as grandes vitórias e realizações, o lado positivo e notável da parte dos muçulmanos empreendidas com seus chefes militares e políticos, através da Jihad, a guerra religiosa travada contra os inimigos do Islão.

Após a queda de Jerusalém, muitos proeminentes líderes religiosos, como o qadi Abu Sa' ad al-Harawi, tentaram convencer o califa abássida a preparar a Jihad contra os firanji (de francos, como os muçulmanos se referiam aos cruzados europeus).

Após a primeira cruzada, o moral dos muçulmanos estava em frangalhos. Os firanji detinham uma reputação de ferocidade entre os turcos e os árabes. Com os espetaculares sucessos em Antioquia e Jerusalém, os firanji pareciam quase imperadores. Eles humilhavam o poderoso califado egípcio anualmente, e faziam investidas em terras inimigas, impunemente. Zengi iniciou o longo e lento processo de modificar a imagem que os muçulmanos tinham dos firanji.

Tendo recebido o domínio das terras à volta de Mossul e Alepo, Zengi começou uma campanha contra os firanji, em 1132, com a ajuda do seu lugar-tenente Sawar. Em 1144, capturou a cidade de Edessa e neutralizou, de forma efetiva, o primeiro domínio estabelecido pelos Cruzados.

Os líderes de Bagdad aprovaram os sucessos de Zengi, e cedo um grande número de títulos precediam o seu nome: O Emir, o General, o Grande, o Justo, o Ajudante de Deus, o Triunfante, o Único, o Pilar da Religião, a Pedra de Base do Islão. Mais tarde, enquanto dormia, Zengi foi morto apunhalado pelas costas.

O herdeiro de Zengi, Nur al-Din, e o seu sucessor Salah al-Din (Saladino), eram extremamente piedosos, observando rigidamente a Sunna e os Pilares do Islão na sua vida pública e particular. Ambos rodearam-se de religiosos e teólogos e sábios em geral. Nur al-Din iniciou – e o seu sucessor Salah al-Din cultivou – uma guerra religiosa, uma jihad, contra os Firanji. Enquanto que Zengi apenas podia contar com os seus soldados, o apelo à jihad atraiu os soldados muçulmanos de toda a Arábia, Egito e Pérsia. Este massivo exército permitiu Salah al-Din esmagar os firanji na Batalha de Hattin, e enfraquecer as forças da Terceira Cruzada de Ricardo Coração de Leão.

A chama da Jihad de Salah al-Din deixou de arder em 1193, quando morreu. O irmão do sultão, Saphadin, não pretendia entrar em mais guerras, e quando Ricardo Coração de Leão foi para a Europa, o poderio militar dos firanji estava praticamente neutralizado e não havia mais necessidade de derramamento de sangue. A partir desta altura Saphadin acreditava que a coexistência pacífica com Firanji ainda era possível. Várias décadas mais tarde, uma jihad iria finalmente expulsar os firanji da Síria e Palestina, embora até 1291, os muçulmanos ainda partilhassem uma pequena parte desse território com os firanji.

A CRUZADA DAS CRIANÇAS

Se é que podemos classificar como Cruzada, essa constituiu-se em duas movimentações separadas com origem na França e na Alemanha, no ano de 1212. Essa Cruzada teria ocorrido entre a Terceira e a Quarta Cruzada, baseado na crença de que apenas as almas puras das crianças poderiam libertar Jerusalém. A ideia teria surgido após a notícia de que Constantinopla, uma cidade cristã, tinha sido saqueada pelos cruzados, levando os cristãos a crerem que não se poderia confiar em adultos.

Cerca de 50 mil crianças foram colocadas em navios, saindo do porto de Marselha (França) rumo a Jerusalém. A maioria das crianças morreu no caminho, de fome ou de frio. As que sobreviveram foram vendidas como escravas pelos turcos no Norte da África. Algumas chegaram somente até a Itália, outras se dispersaram, e houve aquelas que foram seqüestradas e escravizadas pelos muçulmanos.

QUARTA CRUZADA (1202-1204) – CRUZADA COMERCIAL

Adquiriu essa denominação por ter sido desviada de seu intuito original pelo duque Enrico Dandolo, de Veneza, que levou os cristãos a saquear Zara e Constantinopla, onde foi fundado o Reino Latino de Constantinopla, fazendo com que o abismo entre as igrejas Ocidental e Oriental se estabelecesse definitivamente.

O Papa Inocêncio III apelou a uma cruzada, em 1198, para conquistar Jerusalém. Grandes senhores trouxeram exércitos e estipularam um acordo com Veneza, que cobraria para transportar essas tropas na sua frota. O problema é que muitos dos senhores acabaram por não ir, e os que foram não tinham condições para pagar o valor estipulado.

Selou-se um novo acordo então: os cruzados conquistariam Zara, uma cidade veneziana na Dalmácia que se revoltara, em troca de um adiamento do pagamento. Entretanto chegaram notícias de Bizâncio. O Imperador Isaac II fora derrubado pelo seu irmão Aleixo III. O filho de Isaac II, de nome Aleixo IV, conseguira fugir e apelara aos cruzados para o ajudarem: em troca de o colocarem no trono, prometia-lhes dinheiro e os recursos do império para a conquista de Jerusalém.

Os cruzados aceitaram imediatamente uma vez que isso parecia resolver os seus problemas. Partiram em 1202. O Papa considerou que se atacassem território cristão ficariam excomungados. A cidade foi conquistada e depois atacaram Constantinopla. A cidade resistiu, mas o imperador Aleixo III acabou por fugir com o tesouro da cidade.

Com novos impostos lançados para pagar as promessas feitas aos cruzados, rapidamente a população ficou à beira da revolta.

Os cruzados decidiram conquistar em proveito próprio o império, nomear um imperador latino e dividir

os territórios. Aleixo fugiu com algum tesouro e a cidade foi saqueada pelos latinos durante três dias. Estátuas, mosaicos, relíquias, riquezas acumuladas durante quase um milénio foram pilhadas ou destruídas durante os incêndios. A cidade sofreu um golpe tão terrível que nunca mais conseguiu se recompor, mesmo depois de voltar a ser grega em 1261. E assim terminou a Quarta Cruzada, pois ninguém pensou mais em dirigir-se para Jerusalém: a maioria regressou com o que roubara, alguns ficaram com feudos no oriente.

CRUZADA ALBIGENSE

Ainda no século XIII, o papa Inocêncio III pregou uma Cruzada contra os Albigenses, assim chamados em alusão à cidade de Albi, onde havia um dos principais centros dos cátaros.

O catarismo surgiu em meados de 1143, quando surgiram os primeiros relatos de um grupo defendendo crenças similares, em Colónia, pelo clérigo Eberwin de Steinfeld. O catarismo acreditava no dualismo, professando a existência de um deus do Bem e outro do Mal. Cristo seria o deus do bem enviado para salvar as almas humanas; após a morte, as almas boas iriam para o céu, enquanto as más iriam praticar metempsicose (doutrina que sustenta a transmigração da alma humana para corpos animais ou espécies vegetais).

O catarismo admitia o suicídio como forma de libertação da alma – identificada como o bem – da prisão material, o corpo, identificado como o mal. Rejeitavam instituições básicas como a propriedade, o casamento e a Igreja. Daí a condenação do Papado ao catarismo e a *Cruzada de Simon de Montfort* e de senhores feudais atraídos, todavia, mais pelas riquezas das regiões meridionais da França em 1209.

AS DEMAIS CRUZADAS (V, VI, VII VIII E IX)

Foram outras expedições militares, em geral contra o Egito no século XIII.

QUINTA CRUZADA (1217-1221)

Também pregada por Inocêncio III, partiu em 1217 e foi liderada por André II, rei da Hungria, e por Leopoldo VI, duque da Áustria. Após algumas vitórias e derrotas, não conseguiu conquistar o Egito.

SEXTA CRUZADA (1228-1229)

Foi liderada pelo imperador do Sacro Império Frederico II, que tinha sido excomungado pelo Papa. Ele partiu com um exército que foi diminuindo com as deserções, e uma semi-hostilidade das forças cristãs locais devido à sua excomunhão pelo Papa. Aproveitando-se das discórdias entre os muçulmanos, Frederico II conseguiu, por intermédio da diplomacia, um tratado com os turcos que lhe concedia a posse de Jerusalém, Belém e Nazaré

por dez anos. Mas a derrota dos cristãos em Gaza fê-los perder os Santos Lugares em 1244.

SÉTIMA CRUZADA (1248-1254)

Foi liderada pelo rei da França Luís IX, posteriormente canonizado como São Luís. Ele desembarcou diretamente no Egito e, depois de alguns combates, conquistou Damietta. Mas foram dizimados pelo tifo. O próprio Rei foi aprisionado, libertado pelos os cristãos mediante um pesado tributo.

OITAVA CRUZADA (1270)

O Oriente Médio vivia uma época de desarmonia entre as ordens religiosas que deveriam defendê-lo, bem como entre comerciantes genoveses e venezianos.

O rei francês Luís IX retomou então o espírito das cruzadas e lançou novo empreendimento armado, a Oitava Cruzada, em 1270, embora sem grande percussão na Europa. Os objetivos eram agora diferentes dos projetos anteriores: geograficamente, o teatro de operações não era o Levante, mas Túnis.

Luís IX partiu inicialmente para o Egito, que estava sendo devastado pelo sultão Baibars. Dirigiu-se depois para Túnis, na esperança de converter o emir da cidade e o sultão ao cristianismo. O sultão Maomé recebeu-o de armas nas mãos. A expedição de São Luís redundou como quase todas as outras expedições, numa tragédia. Não chegaram sequer a ter oportunidade de combater: mal desembarcaram as forças francesas em Túnis, logo foram acometidas por uma peste que assolava a região, ceifando inúmeras vidas entre os cristãos, nomeadamente São Luís e um dos seus filhos.

NONA CRUZADA (1271 - 1272)

Em 1268, Baibars, sultão mameluco de Egito, havia reduzido o Reino Latino de Jerusalém, o mais importante Estado cristão estabelecido pelos cruzados, a uma pequena faixa de terra entre Sídon e Acre.

Alguns meses após a morte de Luís IX, na Oitava Cruzada, o príncipe Eduardo da Inglaterra comandou os seus seguidores até Acre. Mal começaram os preparativos para atacar Jerusalém, chegaram notícias da morte de Henrique III, pai de Eduardo. Como herdeiro ao trono, decidiu retornar à Inglaterra e assinou um tratado com Baibars, que possibilitou seu retorno e, assim, terminou a Nona Cruzada.

CAUSAS DO FRACASSO DAS CRUZADAS

Diversas razões contribuíram para o fracasso das Cruzadas, entre elas: os europeus eram minoria, em meio a uma população geralmente hostil; a opressão à população nativa fez com que o domínio fosse cada vez mais difícil; as diversas lutas entre os próprios cristãos contribuíram para enfraquecê-los enormemente. Todas,

exceto a pacífica sexta Cruzada (1228-1229), foram prejudicadas pela cobiça e brutalidade; judeus e cristãos na Europa foram massacrados por turbas armadas em seu caminho para a Terra Santa. O papado era incapaz de controlar as imensas forças à sua disposição.

CONSEQUÊNCIA DAS CRUZADAS

As Cruzadas influenciaram a cavalaria européia e, durante séculos, sua literatura. Se, por um lado, aprofundaram a hostilidade entre o Cristianismo e o Islã, por outro, estimularam os contatos econômicos e culturais para benefício permanente da civilização européia. O comércio entre a Europa e a Ásia Menor aumentou consideravelmente e a Europa conheceu novos produtos, em especial, o açúcar e o algodão. Os contatos culturais que se estabeleceram entre a Europa e o Oriente tiveram um efeito estimulante no conhecimento ocidental e, até certo ponto, prepararam o caminho para o Renascimento.

“Os venezianos adaptaram as técnicas aprendidas em Tiro para a fabricação de cristais. Aldeões franceses cultivavam o bicho-da-seda, e teciam panos lustrosos, na tradição oriental. Os aldeões plantavam a ameixa trazida de Damasco e a cana-de-açúcar vinda de Trípoli. A canela, o cravo e a noz-moscada condimentavam as iguarias da Europa (...) As famílias feudais viam reduzidos seus cabedais e sua posição; (...) As cidades mostravam-se agora grandes e soberbas.” (Fremantle, 1970, p.60.).

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E AS CRUZADAS

Termino este modesto trabalho destacando a presença entre os cruzados dessa extraordinária figura humana, considerado o mais importante personagem do segundo milênio. “São Francisco teve a audácia de se fazer conduzir à presença do sultão, tendo somente sua fé por salvaguarda. O sultão o escutou com a maior atenção, como que subjugado. O Bem-aventurado Francisco começou a pregar, e ofereceu-se para entrar no fogo juntamente com um sacerdote sarraceno, para assim provar ao sultão que a Lei de Cristo era verdadeira. Mas o sultão respondeu: *Irmão, eu não creio que algum sacerdote sarraceno queira entrar no fogo por sua fé*”.

Depois, temendo que alguns do seu exército, pela eficácia da palavra de São Francisco, fossem convertidos para o Senhor, e para que não passassem ao exército dos cristãos, o sultão o fez conduzir, com toda sorte de considerações e em perfeita segurança, ao campo dos nossos, dizendo-lhe por despedida: “*Reze por mim, para que Deus se digne de me revelar a lei e a fé que mais lhe agrada*” (Bordonove, p. 151).

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, DENIZE, OSCAR. História das Sociedades – Das Comunidades às Sociedades Medievais. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico. 2003.

BORDONOVE, G., Les Templiers - p. 151.

CARVALHO, C. Delgado de, História Geral, Idade Média. Tomo I, Rio de Janeiro, INEP, Rio de Janeiro, 1959.

FLETCHER, Richard A. A cruz e o crescente: cristianismo e islã, de Maomé à Reforma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FREMANTLE, A., A Idade da Fé. José Olympio, Rio de Janeiro. 1970.

WILLIAMS, Paul. O guia completo das cruzadas. São Paulo: Madras, 2007.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzada>.